



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ CARLOS VIANNA BOHRER

(depoimento)

2013

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-356

Entrevistado: Luiz Carlos Vianna Bohrer

Nascimento: 31/07/1958

Local da entrevista: FUNDERGS, Porto Alegre – RS

Entrevistadora: Alexandre Luz Alves

Data da entrevista: 24/10/2013

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 20 minutos e 6 segundos

Páginas Digitadas: 10 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento do entrevistado com a organização dos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul (JIRGS); o novo formato do JIRGS; Novas regras; Mudança da premiação; Término do troféu gral da competição; Envolvimento das universidades na realização dos Jogos; Polos de desenvolvimentos do esporte no Estado do Rio Grande do Sul;descentralização na realização das modalidades esportivas; 40ª edição dos Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 24 de outubro de 2013. Entrevista com Luiz Carlos Vianna Bohrer a cargo do pesquisador Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.A. – Boa tarde, Luiz.

L.B. – Boa tarde.

A.A. – Inicialmente gostaria de saber qual foi o seu envolvimento com o 40º JIRGS¹?

L.B. – O 40º JIRGS foi o JIRGS da volta pois desde 2007 não acontecia mais. Nós estávamos no plano de governo do governador Tarso², estava previsto o retorno dos Jogos Intermunicipais. Em 2011 nós fizemos uma conferência estadual do esporte e a conferência apontou para o retorno do JIRGS. Eu, como diretor técnico da Fundação de Esportes e Lazer do Rio Grande do Sul, mais a Divisão de Esporte de Rendimento fizemos uma proposta de retorno do JIRGS com a ideia de fazer passo a passo, paulatinamente, não querer fazer tudo de uma vez só. Então, nossa proposta inicial, seguindo os passos que a conferência apontou da gente realmente retornar os JIRGS, existiu a possibilidade de mudança de nome, mas a conferência... O pessoal preferiu manter a tradição que já tinha havido trinta e nove edições, então, nós recuperamos e reiniciamos do quadragésimo... E bom! Meu envolvimento foi esse, da gente coordenar a equipe que realizou o 40º JIRGS.

A.A. – Fala um pouquinho para a gente sobre esse Novo JIRGS, o novo formato dele e o que diferencia das edições anteriores.

L.B. – Bom! Já teve vários formatos. O JIRGS já chegou a ter vinte e oito modalidades esportivas em 1998, coisas nesse padrão. O JIRGS já teve uma época em que Porto Alegre não participava e que participavam só as cidades do interior; tinha o paradesporto junto, o paradesporto separado, os jogos abertos... Então, o que minha experiência apontou? Nós precisamos ter um parâmetro para iniciar, então, qual foi o nosso parâmetro? Nosso parâmetro foram os Jogos Abertos Brasileiros que o Rio Grande do Sul participou a última

¹ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

vez em 2008 porque, para participar dos Jogos Abertos Brasileiros, tem que ter participado dos Jogos Estaduais. Então, qual era a modalidade que nós faríamos no JIRGS? Então nós pegamos as mesmas modalidades dos Jogos Abertos Brasileiros e eram oito: Basquete, Volei, Futsal, Handebol, Atletismo, Natação, Judô e Vôlei de Praia. Então, fizemos primeiramente essas oito, foi nossa primeira ideia. Para começar, para não querer começar com vinte modalidades. A gente não tinha garantia de orçamento, porque o orçamento do JIRGS ele foi... Nós não sabíamos qual seria a procura de municípios e o custo depende de quantos tem participando; se eu tiver cento e cinquenta é um custo, se tiver cinquenta é outro. A gente focou nessas modalidades, criamos alguns critérios para colocar novas modalidades, até agora não entrou nenhuma, estamos indo para a 41ª edição. Mas nós colocamos um critério, que a federação que tiver interessada em participar dos JIRGS, a partir de agora, ela tem que apresentar uma proposta de interesse de no mínimo doze municípios interessados em participar. No momento em que tiver doze municípios interessados a gente vai colocar a modalidade, porque senão cada federação quer entrar. Todo mundo quer participar... A Federação de Kickboxing quer entrar; chega alguém da Federação de Slackline e diz que quer entrar nos Jogos. Mas, pergunto, tem praticantes em todo o Estado? Tem no mínimo doze municípios? Esses critérios nós criamos e até agora nenhum apareceu, teve algumas sondagens, mas aí tem que chegar nas prefeituras... Dá trabalho e a gente está fazendo isso... A outra diferença das edições anteriores é que nós não estamos fazendo uma final com todo mundo junto... Nós estamos com quatro mil cento e cinquenta atletas aqui no Mundial de Atletismo Master é uma loucura organizar, nós estamos ali com trezentas pessoas organizando, tu não te dá conta da dimensão desses eventos. Agora retornar o JIRGS ao formato que era, todas modalidades mesmo lugar, dando uma estrutura boa, nos ficaríamos com dois ou três municípios atualmente em condições e, às vezes, nem muito interessados em fazer porque a situação mudou. No ano passado os municípios não tinham no seu orçamento verba para participar do JIRGS porque não tinha JIRGS. Então, para esse ano, já tem municípios que já estavam prevendo participação no JIRGS, porque já teve no ano passado e o que a gente espera que no próximo ano mais municípios coloquem os Jogos nos seus orçamentos. O orçamento público funciona assim: tem o plano plurianual e o orçamento, o plano plurianual é feito no primeiro ano de governo e o primeiro ano de governo dos municípios está sendo esse ano.

² Tarso Fernando Herz Genro, Governado do Estado do Rio Grande do Sul desde 1º de janeiro de 2011.

Esse ano eles estão montando o plano plurianual que eles vão colocar no orçamento do JIRGS para frente. Então tudo isso são fatores que levaram a gente não querer fazer grandes coisas de uma vez só. Outra coisa é instalar bem os atletas, nossa ideia é o seguinte: se nós queremos elevar a qualidade dos Jogos, nós temos que dar o mínimo de estrutura para esses atletas... Não adiante pensar: “Nos Jogos Abertos de Santa Catarina e de São Paulo acontece que eles ficam alojados em escolas, num colchão”. Só que os atletas de Santa Catarina e São Paulo são bancados pelos municípios; os municípios pagam o salário deles e na competição dos Jogos Abertos de Santa Catarina eles estão sendo pagos para participar, não tem como não participar, tipo: “Ah, eu não vou!”. Tu acha que a equipe de basquete de Caxias do Sul, que vai ser campeã estadual vai ficar num alojamento agora? Provavelmente não! Se os atletas que estão competindo no atletismo, na natação, como a Graciele Herrmann que foi para a Olimpíada e participou do JIRGS no ano passado, ela vai ficar num colchão no chão? Não vai ficar. Então, a gente avaliou certas coisas e pensamos no que nós queremos. Nós não vamos pagar alimentação, não vamos pagar transporte mas vamos pagar o hotel para todo mundo, para pelo menos ter condição digna para ir participar de uma competição. Bom! O Estado está pagando hotel, o Estado está pagando arbitragem, o Estado paga a premiação, quem ganhar vai para participar dos Jogos Abertos Brasileiros, tudo por conta do Estado. Daí sim: transporte, hotel, aí o município fica só com alimentação dos atletas. É assim que a gente está tentando montar... Por isso essa estratégia... O ano passado o futsal, no quadragésimo JIRGS, já que estamos falando sobre ele, o futsal aconteceu em Uruguaiana, o basquete foi em Santa Cruz, o handebol foi em Caxias do Sul e o voleibol foi em Rio Grande, então o que a gente faz? Coloca uma competição, de uma modalidade num município, numa região. Aí tu interioriza eventos por todo Estado e nós fizemos as finais das individuais em Porto Alegre porque tem condições de hospedar bem em hotel umas duzentas pessoas. Nós podemos dar o acompanhamento; nós, com quatro professores daqui, conseguimos coordenar toda a competição. Não tem grandes estresses, não tem grandes problemas, o pessoal tem condições de jogar. Essa é a proposta... Claro que na medida que ele for crescendo, talvez se tenha que fazer algo mais... Nossa função era retomar os Jogos, ter uma diferenciação, tentar levar para cidades não tão grandes e isso fizemos. Esse ano o basquete é em Lajeado, o vôlei é em Ijuí, o futsal em Canoas e o handebol em Pelotas, então de novo a gente... O ano que vem talvez a gente leve para Alegrete, aí depende do interesse das prefeituras... Leva um para Alegrete, leva outro para Santo Ângelo, outro para Passo Fundo e a gente vai

girando o Estado a cada ano... É muito bom ter uma competição de nível estadual de bom nível no seu município.

A.A. – Perfeito. Pegando esse gancho, a quadragésima primeira edição mantém esse mesmo formato?

L.B. – Sim. As avaliações que nós tivemos o ano passado... O pessoal até fez a avaliação, tem a tabulação, não tenho de cabeça, mas ela foi basicamente positiva, teve muito pouca reclamação em relação... Daí, alguém vem com a ideia: “Por que não é todo mundo junto?” Bom, se for todo mundo junto não vai ser em Uruguaiana porque Uruguaiana não tem condições de colocar todo mundo, daí vai acabar sendo sempre em Caxias do Sul, em Novo Hamburgo, em Pelotas. Pelotas atualmente já nem tem condições de alojar tanta gente, porque antigamente acontecia isso e cada município se virava com o seu alojamento. Eu me lembro de encher um ônibus com colchões, de levar um caminhão de colchões para hospedar os atletas. Nessa parte a gente tentou fazer com que fosse mais tranquilo para quem vai participar, então teve um pequeno aumento do quadragésimo para o quadragésimo segundo de cinquenta e cinco para sessenta e dois municípios, mas com municípios mais bem organizados hoje que no ano passado. Teve bem menos desistências no meio do caminho, no ano passado teve mais desistências. Tem que ter critérios, então nós estamos montando os critérios, tentando fazer com que esse formato se fixe... O ano que vem é um ano bem complicado, 2014, tem Copa do Mundo, tem eleição e vai faltar data, vai ter problema, vai ter... Mas a gente vai tentar adequar isso para ver... Bom! Aí o próximo governo vai avaliar. O trabalho da gente é retomar os Jogos, na medida em que ele se consolidar, a gente poder fazer crescer.

A.A. – Claro, falando da quadragésima edição e da quadragésima primeira qual foi a receptividade dos municípios com esse formato?

L.B. – Como te disse não teve ainda uma contestação com esse formato. O ano passado a gente fez um congresso técnico aqui em Porto Alegre sem presença obrigatória, aí vieram os municípios e se organizou as regionais. Esse ano nós mudamos, nós fomos em cada região. Nós estamos agora com sete polos regionais que são parcerias com universidades.

Tem o polo aqui em São Leopoldo, tem polo em Caxias do Sul com a UCS³, tem polo com a UPF⁴ em Passo Fundo, com a URI⁵ em Santo Ângelo, com a UNISC⁶ em Santa Cruz, em Rio Grande ou Pelotas ainda não está estruturado, Uruguaiana também não está estruturado, mas os outros cinco nos fizemos as reuniões do polo obrigando o município a ir, aí nos podemos conversar direto com o gestor municipal, então, todo mundo estava lá e aparentemente não houve nenhuma contestação quanto o formato. Até o pessoal está bem tranquilo em relação ao formato, está parceiro nessa história, eu acho que para quem organiza fica mais fácil, eu levava aqui a delegação de Porto Alegre com duzentos e poucos atletas, é bem diferente tu levar duas equipes, tu coloca duas equipes são vinte, trinta... Daí tu vai para jogar três dias é uma barbada para quem está organizando, nós tínhamos que levar um batalhão de gente ou tu ficar correndo... Teve um ano que eu rodei trezentos quilômetros com o carro dentro de Caxias do Sul nos JIRGS para acompanhar os Jogos. Imagina a loucura que era, então, eu acho eu para quem está organizando fica bem mais tranquilo também, porque eu tenho que pensar não só em quem organiza, eu tenho que pensar principalmente em quem participa, que seja bom para quem participa e seja bom também para quem organiza. Então tem que ter a parte das federações, tem que estar empenhadas para não marcar jogos naquele dia, então toda uma rede tem que estar funcionando.

A.A. – Luiz, conte para gente como funciona o sistema das premiações no JIRGS

L.B. – Premiação é a coisa mais simples e mais comum: é medalha primeiro, segundo e terceiro; Troféu primeiro, segundo e terceiro e o direito de participar dos Jogos Abertos Brasileiros, é isso. Não tem troféu geral. Eu entendo assim: pegando a história que acontecia é que eu vivi em JIRGS e muita gente vinha com aquela história, aquele acirramento da competição em função de ganhar o troféu geral, então era tu buscando, tu pagando a equipe do município para jogar, gente trazendo equipe pronta de Santa Catarina para jogar os Jogos, tudo para tentar ganhar o troféu geral. Aí tu via aqui a equipe da SOGIPA que disputava por Gravataí; Porto Alegre pegava equipe B, aí tu via o time de Estrela de basquete feminino era o time de Chapecó; o time de Santa Maria as vezes

³ Universidade de Caxias do Sul.

⁴ Universidade de Passo Fundo.

⁵ Universidade Regional Integrada – Santo Ângelo.

⁶ Universidade de Santa Cruz do sul.

trazia o judô de outro lugar para poder ganhar o troféu geral. Isso aí não ajuda muito... Porto Alegre foicampeã geral várias vezes e disputava sempre com Caxias; Novo Hamburgo, Porto Alegre, Santa Maria. Santa Maria e Caxias são os polos mais fortes. Hoje o polo mais forte é Caxias pela organização da Secretaria de Esportes de Caxias do Sul que dá um peso ao esporte de rendimento. Hoje o município mais organizado em termos gerais é Caxias do Sul, não é mais Porto Alegre. Santa Maria também perdeu bastante, ainda tem boa participação, mas mais pelo trabalho, não da prefeitura mas mais de todas as pessoas lá de Santa Maria pela tradição do esporte lá. E a gente tirou o troféu geral, então se é campeão... Uruguaiana foi campeão do futsal... *Que maravilha!* Eles foram campeões do JIRGS e para isso bastou, não precisa ser o campeão geral, porque cada etapa vai ser uma competição e o campeão geral sempre foi uma forma até de acirramento de disputa. E o objetivo, acho que não é também esse, o objetivo é desenvolver o esporte, fazer com que as pessoas confraternizem, que seja uma competição, que alguém vai ganhar, vão lá para jogar, terminou, todo mundo amigo e segue em frente. Então a gente tirou o troféu geral e manteve só o troféu dos esportes, e dos esportes individuais também não tem nem o troféu geral mais. Não! O senhor foi campeão do arremesso de peso lá da cidade de Itaara... Que legal! Bacana Itaara foi campeã do arremesso de peso, não tem o campeão de atletismo, porque o atleta de Itaara é o que vai para o JABS, não é o município campeão. Então é o campeão de cada prova que vai para o JABS. Nesse ano o JABS tinha gente de Porto Alegre, tinha gente de Uruguaiana, tinha gente de Santa Maria, de Caxias do Sul, de Santa Cruz, aí junta todo mundo é faz a delegação do Estado. A mesma coisa na natação, no judô, então, essa é a política da gente tentar fazer uma competição boa, de qualidade, sem aquela agressividade da competição de eu querer ganhar de qualquer forma.

A.A. – Perfeito. O senhor falou do JABS, em edições anteriores aconteceu esse tipo de projeção nacional com a possibilidade de participação no JABS?

L.B. – Sim. Desde que o JABS foi criado acontecia esse link do campeão dos jogos do Estado... Teve uma época que tinha JIRGS e Jogos Abertos aqui no Rio Grande do Sul, daí os Jogos Abertos era que representava no JABS, porque o JIRGS não podia jogar atleta federado... Mas a maioria das vezes foi o campeão do JIRGS, tanto que o Rio Grande do Sul não participava do JABS desde 2008 que foi em Campo Grande e nós voltamos esse ano em Criciúma em função de ter feito os Jogos.

A.A. – Luiz Bohrer, o senhor tem mais alguma coisa para acrescentar a esta entrevista?

L.B. – Não, não. Acho que não. Se vocês quiserem mais alguma coisa. É que eu saio falando...

A.A. – A gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte. É muito importante para nós esse tipo de documentação, esse tipo de registro e muito obrigado.

L.B. – Ok, está bom.

[FINAL DA ENTREVISTA]